

Se fosse possível concluir...

Certa ocasião, ouvi de um professor que há duas maneiras de se concluir uma tese, ou uma monografia: uma fechada, que relê o narrado, encerrando assim o trabalho; outra, aberta, entrelaçando-o a novas reflexões. Ao rever as páginas que parecem ter ficado para trás, fico com a impressão que se optasse pela primeira fórmula, renegaria todo o escrito. E o faria não somente em relação ao problema abordado. A tese, segundo a qual o *Kinder-und Hausmärchen* erigiu-se como leitura, vale dizer, como tradução, cujo contorno descrevo como melancólico, assinalou que o próprio gesto de leitura e tradução implica um movimento. E é no interior dessa dinâmica criativa, no embate com o que crê original, que a afasia melancólica, ou o fracasso do tradutor, se rompe para que surja a convivência produtiva entre os textos.

Poderia agora rever todos os passos que me conduziram até aqui, resumilos, e dar a pesquisa definitivamente por terminada. Mas, de fato, se o fizesse significaria rasurar a noção mesma de movimento, crucial para o desenrolar da pesquisa. Há ainda um segundo aspecto que me empurra em direção à segunda opção. A difícil escolha pela primeira pessoa do discurso, obrigou-me, a partir de um certo ponto, rever toda a elaboração do discurso – que não se dissocia da forma ensaística adotada, especialmente nos dois últimos capítulos. Se estava tratando da tradução que elabora sua melancolia no próprio movimento que a constitui, a minha escrita devia assumir o compromisso de deixar entrever o seu processo de construção, sobretudo se ela mesma se elabora como leitura, e tradução. Por conseguinte, não posso fechar o trabalho. Preferiria tecer algumas reflexões que se atravessaram nesses últimos meses, provocadas pelo filme de Terry Gilliam, *Os irmãos Grimm*, considerado pela crítica como “um dos maiores fracassos do verão americano de 2005” (França, 2005). “A agitada fantasia dark”, como o define ainda o autor do artigo (loc. cit.), só pode ser, entretanto, revisitada com os percalços e lacunas derivados do tempo entre o filme visto na tela do cinema e o da escrita. Mas como tampouco tenho falado sobre outra coisa senão

desse intervalo entre o que se ouve/ vê e a intermitente miragem da sua tradução (im)possível, vou mais uma vez proceder a uma leitura.

Se bem me recordo, o filme principia com a cena de carência extrema característica do *Märchen*, de modo geral, mas também da população do meio rural à época dos Grimm – situação esta a me referi anteriormente, no estudo dos contos selecionados. Lembro-me, portanto, de um recinto escuro, onde mal se introduzia a luz, uma criança próxima à morte, a mãe debruçada sobre o berço, um filho rondando, e outro que chega: uma das mãos abrigando algumas – cinco? – sementes de feijão. Logo saberemos, leitores do filme, que quem entrava era Jacob, interpretado por Heath Ledger e que o outro irmão chamava-se Wilhelm ou Will (Matt Damon). A cena é insólita. Especialmente se o receptor escora-se na concepção usual dos irmãos e do material por eles coletado e elaborado: uma reunião de contos infantis. Se era este o seu horizonte, o leitor é imediatamente e desde a primeira cena arrancado de seu horizonte de expectativas. Fica, assim, à deriva sem a âncora dada por uma concepção cristalizada do gênero. Tanto mais surpreendido ficará, ao ver convertida a imagem de união fraterna, num conflito despropositado: as sementes são atiradas ao chão por uma das partes, que acusa a outra de se deixar seduzir pela ilusão encerrada nos feijões. Assim, e não inteiramente desrazonada, a crítica atribui ao Will o adjetivo, ambicioso, e ao Jacob, o de visionário, sem anotar, entretanto, a tensão formada por elementos, aparentemente inconciliáveis. Contudo, e a isso dediquei as páginas do capítulo 5.0, a miragem de união evocada pela reunião dos *Märchen* – não pude evitar o trocadilho – não só camufla as individualidades de quem assina a obra, mas os conflitos que ela mesma abriga e resolve.

Donde, desde as primeiras imagens do filme, o leitor se vê obrigado não apenas a desconstruir sua percepção do livro que conformou parte de sua infância, bem como a de seus autores, mas a própria ilusão de unidade e de estabilidade, lograda, da minha perspectiva, pela pena e tradução de Wilhelm Grimm. De fato, se o *Kinder-und Hausmärchen* ostenta em sua lombada a fraterna comunhão entre os Brüder Grimm, sua visão constitui antes o resultado alcançado por uma tradução feita a partir da relação conflituosa com o designado original.

A primeira cena do filme ficou tão mais gravada na medida em que ecoou, de forma incômoda, o Jacob pronunciado em inglês. Ao embaraço com a língua, somou-se a imagem das sementes de feijão que, se as reconhecia desde algum

lugar da memória, sabia que não o era da leitura do acervo. Donde, o que estava posto ali, desde o início, era a intriga da tradução. Gilliam apresentava-me sua leitura do repertório dos Grimm.¹²⁷ E também ela, realizava-se como dobra: como tradução da tradução. Esta duplicação é projetada no próprio enredo do filme: os irmãos que se vêem arrastados para a ficção, são os mesmos que a criaram, convertendo-se, assim, também eles em personagens das histórias que geraram. A reprodução, se é de cunho especular, aparece magistralmente encenada no episódio do espelho. Não fortuitamente, a perduração da Rainha, encarnada por Mônica Belucci depende da sedução exercida sobre Jacob. Se esta é, como creio sugerir o filme, a representação mesma do domínio ficcional, dado que aquele mundo aparentemente às avessas encontra-se sob sua ordem, a personagem converte-se na tirania do “texto original”. Sua sobrevivência (*überleben*) é, pois uma questão de tradução (*übersetzen*), e só pode ser consumada por este contrato.

Contudo, é preciso examinar mais de perto a imagem dos feijões na palma de Jacob, pois a perturbação não há de ser acidental. De fato, a significação desses grãos se desdobra se vasculho os aposentos da memória: deitada na cama, o livro aberto entre minhas mãos, a tarde sombria de Terezópolis, em dia chuvoso, lá fora. A capa é vermelha, as letras douradas gravam o título, *O Tesouro da Juventude*. Na página que olho, desdobram-se verdes, as folhas imensas de um ... pé-de-feijão. Aí está ela: “Joãozinho e o pé-de-feijão”. Agora posso buscá-la. Leio, então, surpresa com o desdobramento:

As aventuras de João foram registradas em primeiro lugar por Benjamin Tabart em 1807 como A história de João e o pé de feijão. Tabart baseou-se sem dúvida em versões orais que circulavam na época, embora afirmasse que a fonte de seu conto era um manuscrito original. (Tatar, 2004, p. 134)

Não pretendo deixar-me seduzir por mais esta imagem de origem. Vou apenas até aí, o limite implicado nas possibilidades enunciadas na segunda sentença: também, Tabart parece ter desejado a tradução – fosse ela de algum manuscrito original, fosse de versões orais. O problema se complica, entretanto, se leio, logo no parágrafo seguinte, que o texto de Tabart se desenrola no “History of Jack and the Bean-Stalk”, publicado na antologia de Joseph Jacobs. Esta parece ser assim, se ouço a pronúncia inglesa do nome, a tradução de Jacob, ou melhor, a

¹²⁷ Sobre adaptação como leitura v. Santos, op. cit.

leitura de Gilliam da personagem alemã, Jacob. Contudo, não é apenas o nome que as enlaça. Se a variante anotada por Tabart, que pretende reproduzir o original possui um contorno de feição moralista e edificante, como sustenta a organizadora da coletânea, a tradução de Jacob procuraria também ela, recuperar a voz fugidia de uma narrativa.

Recorrendo a lembrança de uma versão contada por volta de 1860 por sua ama, na Austrália, Jacob produziu uma história relativamente isenta do impulso moralista que permeia a narrativa de Tabart (ibid.p. 135)

Assim, um e outro parecem constituir leitores que, por ventura também assombrados pela miragem do original, perseguem a (im)possibilidade de sua tradução. Não é, pois, fortuito que Maria Tatar, apesar de passar ao largo dos conflitos que acompanham usualmente o trabalho do tradutor, recorte que a versão de Jacob elabora-se como “um dos muitos esforços por recapturar o espírito das versões orais em ampla circulação durante o século XIX.” (loc. cit.). Se a observação sinaliza que o empenho era comum a uma época, ela também aponta para a não exclusão, vale dizer, para o fato de que, como tradução, constituem leituras compatíveis, e que, portanto, não se eliminam mutuamente. Com efeito, como procurei anteriormente sugerir com Arrojo (1986, 1993), se este labor resulta de uma leitura sempre mediada por processos de interpretação, sempre singulares, conclui-se que os empreendimentos são igualmente legítimos e necessariamente diferentes entre si.

É plausível que meu olhar esteja viciado pelo uso contínuo das lentes que empreguei para ler o acervo – doença, aliás, que não raramente acomete o pesquisador. Entretanto, ainda que reconheça a possibilidade desta espécie de miopia, a imagem das sementes é sugestiva, pois, de fato, é ela, observou Derrida (2002), que percorre o ensaio benjaminiano, crucial para a pesquisa sobre tradução. “Seu Prefácio (pois não esqueçamos, esse ensaio é um Prefácio)” – diz ele, referindo-se ao texto de Benjamin – “circula sem cessar entre os valores de semente, de vida e sobretudo de “sobrevida” (*Überleben* tem aqui uma relação essencial com *Übersetzen*)” (p. 31, grifos do autor). Com ela, alude-se não só ao movimento do que almeja a sobrevivência, garantida pelo ato de traduzir. A semente, se abriga a possibilidade da sobrevida, o faz por intermédio de uma promessa: como vida continuada (*fortleben*) – *post mortem*. Surge assim, em

minha memória, não só o beijo como dívida cobrada pela Rainha de Gilliam, mas também as folhagens vigorosas, o caule forte, em movimento ascendente até aquele algum lugar, entre as nuvens, lido no *Tesouro da Juventude* e anunciado no filme. Porque efetivamente não é outro o destino da semente: anunciar. Esta notícia – e vale lembrar que era esta a tradução de *Maere* – se comporta algo messiânico, como anotou o *tour* de Derrida, ela é feita de um distanciamento: algo vindouro – mas que está bem ali: na semente.

A tradução, como santo crescimento das línguas, anuncia o termo messiânico, certamente, mas o signo desse termo e desse crescimento está “presente” apenas no “saber dessa distância”, no *Entfernung*, o distanciamento que a isso nos reporta. (p. 68)

É da tradução o caráter *fort: da* (ibid., p. 69). Estar presente, como anota a tradutora de Derrida (loc. cit.), mas também na ausência. Nesse sentido, é sua a graça – também a do tradutor – de retirar os textos do isolamento, de resgatá-los do definhamento – atrofia – a que estariam condenados. E se é assim, a tradução elabora-se como uma espécie de *suplementaridade lingüística* mediante a qual as línguas crescem-se umas às outras. Onde, o filme, leitura e tradução de Gilliam, suplementa aquilo que vinha prometido no *Kinder-und Hausmärchen*, o desdobramento de leituras, também anunciadas, ademais, no *Das stumme Mädchen*.

A notícia, então, *Maere*, está ali, bem diante de meus olhos: a atração (ainda outra vez, traiu-me a mão, trocando a tradução) como movimento, é possível. Assim, como me foi possível traduzir *Sternblumen* por miosótis: *não-te-esqueças*, pois não me esquecerei. Os anexos que se seguem são, pois, suplementos – e meus testemunhos de um contrato: tradução de muitas noites aconchegadas ao (teu) ouvido.

ⁱ Trad. nossa de “Das ist der Grund, warum wir durch unsere Sammlung nicht bloß der Geschichte der Poesie und Mythologie einen Dienst erweisen wollten, sondern es zugleich Absicht war, daß die Poesie selbst, die darin lebendig ist, wirke und erfreue, wen sie erfreue kann, also auch, daß es als ein Erziehungsbuch diene. (...) Wir suchen die Reinheit in der Wahrheit einer geraden, nichts Unrechtes im Rückhalt bergenden Erzählung. Dabei haben wir jeden für das Kinderalter nicht passenden Ausdruck in dieser neuen Auflage sorgfältig gelöscht.“ As transcrições das citações em alemão serão feitas sempre em notas no fim do documento, de modo a facilitar a leitura. Citações em outros idiomas ficarão no corpo do trabalho, na língua original.

ⁱ Trad. nossa “So ist es uns vorgekommen, wenn wir gesehen haben, wie von so vielen, was in früherer Zeit geblüht hat, nichts mehr übrig geblieben, selbst die Erinnerung daran fast ganz verloren war, als unter dem Volke Lieder, ein paar Bücher, Sagen und diese unschuldige Hausmärchen. Die Plätze am Ofen, der Küchenherd, Bodentreppen, Feiertage noch geeiert, Phantasie sind die Hecken gewesen, die sie gesichert und einer Zeit aus der andern überliefert haben”

ⁱⁱ Trad. nossa de “Es war einmal ein wunderlicher Spielmann, der ging durch einen Wald mutterselig allein und dachte hin und her, und als für seine Gedanken nichts mehr übrig war, sprach er zu sich selbst ‘mir wird hier im Walde Zeit und Weile lang, ich will einen guten Gesellen herbeiholen.’ Da nahm er die Geige vom Rücken und fiedelte eins, daß es durch die Bäume schallte.” (Grimm, 1982, I V.p. 68)

ⁱⁱⁱ Trad. nossa de “Es scheint das Märchen ist nicht ganz vollständig, es müßte ein Grund angegeben sein, warum der Spielmann die Thiere, die er wie Orpheus herbeilocken kann, so hinterlistig behandelt.” (Grimm, 1982, III V, p. 19)

^{iv} Trad. nossa de „Unter Märchen verstehen wir seit Herder und den Brüdern Grimm eine mit dichterischer Phantasie entworfene Erzählung, besonders aus der Zauberwelt, eine nicht an die Bedingungen des wirklichen Lebens geknüpfte wunderbare Geschichte, die hoch und niedrig mit Vergnügen anhören, auch wenn sie diese unglaublich finden.“ (Polivka e Bolte apud Hetmann, 1982, p. 12)

^v Trad. nossa de „Das Märchen aber bleibt uns rätselhaft, weil es wie absichtslos das Wunderbare mit dem Natürlichen, das Nahe mit dem Fernen, Begreifliches mit Unbegreiflichem mischt, so, als ob dies völlig selbstverständlich wäre.“ (Lüthi, 1992, p.6)

^{vi} Trad. nossa de “Die deutschen Wörter <Märchen, Märlein> (mhd maerlîn) sind Verkleinerungsformen zu <Mär> (ahd, mârî; mhd, maere, f., und n., Kunder, Bericht, Erzählung, Gerücht), bezeichneten also ursprünglich eine kurze Erzählung. Wie andere Diminutive unterlagen sie früh einer Bedeutungsverschlechterung und wurden auf erfundene, auf unwahre Geschichten angewendet (...).”

^{vii} Trad. nossa de “im Volk überlieferte Erzählung, in der übernatürliche Kräfte u. Gestalten in das Leben der Menschen eingreifen u. meist am Ende die Guten belohnt u. die Bösen bestraft werden.: Die Märchen der Brüder Grimm. Erzähle mir nur keine Märchen!”

^{viii} Trad. nossa de “Mär (die) Botschaft, *Nuntius, Nuntiû*.
Märe (die) Gassengeschrey, Rumor, *Fabula*. Es sind Märe. (...). *Fabulæ*. (...)
Märle (das) Fabel, *Apologus, Nugæ, Fabulæ*, Märlein hören (...)
Märe sagen / Unnütz geschwätz treyben. *Nugari* (...)
Märletrager Fabulator, Famigator, Falsidicus.”

^{ix} Trad. nossa de “ein gemein red/ oder ein erdichtung / die der wahrheit gleych ist.”

^x Trad. nossa de “erdicht Merlin/erdichte/gemeine Red/darinn die Thier mit einander redder

^{xi} Trad. nossa de “dergleichen manches Märlein ist, so die Ammen ihren Kindern erzählen (...).”

^{xii} Trad. nossa de “ Eben das kann von den Zaubereyen und bösen Geistern gesagt werden. Das Märchen von D. Fausten hat lange genug den Pöbel belustigt; und man hat ziemlicher maßen aufgehört, solche Alfanzereyen gern anzusehen.”

^{xiii} Trad. nossa de “Die Conte de Féés dienen ja nur zum Spotte und Zeitvertreibe müßiger Dirnen und witzarmer Stutzer, führen aber auch nicht die geringste Wahrscheinlichkeit bey sich.”

^{xiv} Trad. nossa de “So oft ich ein so schön und deutlich geschriebenes Heft von dir erhalte, so freue ich mich daß du mehr von diesen Sachen die von so großem Nutzen sind weißt als die Großmutter – wenn ich so gerne schriebe wie du; so könnte ich dir erzählen wie elend die Kinder zu der Zeit meiner Jugend erzogen wurden – dancke du Gott und deinen Lieben Eltern die dich alles nützliche und schöne so gründlich sehen und beurtheilen lernen (...)” (Catharina E. Goethe apud Fertig, 1991, p. 138)

^{xv} Trad. nossa de “Sagt endlich nicht: die Welt bleibt wie sie ist; die Menschen wollen nun einmal unwissend, lasterhaft und elend bleiben, wollen nicht gebessert, wollen nicht geholfen seyn!... Saget vielmehr, die Anlagen und Fähigkeiten des Menschens gehen ins Unendliche, können immer weiter entwickelt, immer mehr veredelt, immer herrlicher entfaltet werden; er ist nicht böse von Natur, nur Unwissenheit und Verwöhnung haben ihn dazu gemacht” (Campe apud Schmitt, 1989, p. 164)

^{xvi} Trad. nossa de “Beide, der Mensch und die Gesellschaft, haben ihre Rechte; ersterer auf innere Vortrefflichkeit und Veredelung, diese auf Brauchbarkeit. Da aber diese Rechte in Widerspruch gegen einander kommen, so müssen sie beiderseits beschränkt werden.” (Villaume apud Schmitt, *ibid.*, p. 165)

^{xvii} Trad. nossa de „Die Faulheit ist die Quelle von vielem Unglück. Hans schlief gern recht lang, und ging denn verdrossen an die Arbeit, weil er vom langen Schlaf schwer war. Essen und trinken schmeckten ihm nicht, weil er sich durch Arbeit keinen Hunger verschafte (.). Mangel an Appetit, Schwere der Glieder, Verdrossenheit, sind schon eine wahre Krankheit, und unser Hans ward endlich zur Arbeit untüchtig (.).“ (Villaume, 1990, p. 110)

^{xviii} Trad. nossa de „Lest kein wenn auch so gleichgültiges Buch ohne vorherige Billigung Eures Abbé. Das ist in Frankreich um so nötiger, als dort dauernd Bücher zur Unterhaltung und Belehrung erscheinen, die unter einem harmlosen Deckmantel anrühige und sitten verderbende Geschichten bringen. Ich beschwöre Euch also, meine Liebe, kein Buch, nicht einmal eine Broschüre ohne Erlaubnis Eures Beichvaters.“ (Fertig, *op. cit.*, p. 20)

^{xix} Trad. nossa de “Dabei haben wir jeden für das Kinderalter nicht passenden Ausdruck in dieser neuen Auflag sorgfältig gelöscht. Sollte man dennoch einzuwenden haben, daß Eltern eins und das andere in Verlegenheit setzte und ihnen anstößig vorkomme, so dass sie das Buch Kindern nicht geradezu in die Hände geben wollten, so mag für einzelne Fälle die Sorge begründet sein (...)“ (Grimm, 1982, p. 17)

^{xx} Trad. nossa de „Es besteht darin, daß die Sprachen einander nicht fremd, sondern a priori und von allem historischen Beziehung abgesehen einander in dem verwandt sind, was sie sagen wollen.“ (Benjamin, 1972, p. 12)

^{xxi} Trad. nossa de „Jene reine Sprache, die in fremde gebannt ist in der eigenen zu erlösen, die im Werk gefangene in der Umdichtung zu befreien, ist die Aufgabe des Übersetzers. (Benjamin, *op. cit.*, p. 19)

^{xxii} Trad. nossa de “ <<Wer seine Sünde bereut und eingesteht, dem ist sie vergeben>>, und (...) löste ihr die Zunge>>“ . (Marienkind, p. 41)

^{xxiii} Trad. nossa de “ <<Gott sei gelobt, er ist erlöst (...) >> ” (Der treue Johannes, p. 63)

^{xxiv} Trad. nossa de „Da sprach das Mädchen in seinem Herzen << Ich weiß gewiß, daß ich meine Brüder erlösen kann“ (Die zwölf Brüder, p. 76)

^{xxv} Trad. nossa de „Von dem ersten Tage weis ich dir nichts zu sagen, als dass ich sehr traurig war und noch jetzt bin wehmüthig und möchte weinen, wenn ich daran denke das du fort bist. Wie du weggingst da glaubte ich es würde mein Herz zerreißen, ich konnte es nicht ausstehen, gewiß du weiß nicht wie lieb ich dich habe. Wenn ich abends allein war meinte ich müstest du aus jeder Ecke hervorkommen. Doch still. „ (Grimm, 2001, p. 30)

^{xxvi} Trad. nossa de “Gott weis wie ich meine Pläne für die Zukunft einrichten werden, von Neuigkeiten weis ich nichts zu schreiben da mir alles gleichgültig ist und ich nichts behalte.

.....
Wieder eine Woche herum ! (...) Es sind 14 tage dass du weg bist, aber ich kann ohne affektieren sagen mein Herz blutet noch. “ (p. 31)

^{xxvii} Trad. nossa de “Junge Leute werden viel zu früh aufgereggt und dann im Zeitstrudel fortgerissen; Reichtum und Schnelligkeit ist was die Welt bewundert und wonach jeder strebt; Eisenbahnen, Schnellposten, Dampfschiffe und alle mögliche Facilitäten der Communication sind es worauf die gebildete Welt ausgeht, sich zu überbieten, zu überbilden und dadurch in der Mittelmäßigkeit zu verharren. [...] Laß uns soviel als möglich an der Gesinnung halten in der wir herankamen, wir werden mit vielleicht noch wenigen, die Letzten seyn einer Epoche die sobald nicht wiederkehrt“ (Goethe apud Kremer, ibid. p. 07)

^{xxviii} Trad. nossa de “Wohl war Herder, der so lebhaft für das Volkslied sich eingesetzt hatte, schon 1777 im Deutschen Museum (...) auch für das Märchen nachdrücklich eingetreten, hatte auf seine provinziellen Verschiedenheiten aufmerksam gemacht und seine Sammlung gefordert.“

^{xxix} Trad. nossa de „Man streite und bestimme wie man wolle, ewig gegründet unter allen Völker- und Länderschaften ist ein Unterschied zwischen Natur- und Kunstpoesie (epischer und dramatischer, Poesie de Ungebildeten und Gebildeten) (...). Dahingegen die Kunstpoesie gerade das sagen will, dass ein menschliches Gemüt sein Inneres bloßgebe, seine Meinung und Erfahrung von dem Treiben des Leben in die Welt gieße (...). (Jacob Grimm, 1978, p. 145)

^{xxx} Trad. nossa de „Nachdem aber die Bildung dazwischen trat und ihre Herrschaft ohne Unterlaß erweiterte, so mußte, Poesie und Geschichte, sich auseinander scheidend, die alte Poesie aus dem Kreis ihrer Nationalität, unter das gemeine Volk, das der Bildung unbekümmerte, flüchten in dessen Mitte sie niemals untergegangen ist, sondern sich fortgesetzt und vermehrt hat, jedoch in zunehmender Beengung und ohne Abwehrgung unvermeidlicher Einflüsse der Gebildeten.“ (Grimm, ibid, p. 146)

^{xxxi} Trad. nossa de “Für Herder wie für Hamann und die Stürmer und Dränger ist Volkspoesie Naturpoesie. Sie fassen dabei <<Natur>> im Sinne Rousseaus als das Ursprüngliche, Echte, Unschuldige, als Gegensatz zur Entwicklung der Gesellschaft und zur Kultur, auch zur Vernunft.“ (Moser, op. cit., p. 254-255)

^{xxxii} Trad. nossa de “Eine entschiedene Mundart haben wir gerne beibehalten. Hätte es überall geschehen können, so würde die Erzählung ohne Zweifel gewonnen haben. Es ist hier ein Fall, wo die erlangte Bildung, Feinheit und Kunst der Sprache zuschanden wird und man fühlt, daß eine geläuterte Schriftsprache, so gewandt sie in allem übrigen sein mag heller und durchsichtiger aber auch schmackloser geworden ist und nicht mehr so fest dem Kerne sich anschließt., (Brüder Grimm, 1982, Vol. 1, p. 22)

^{xxxiii} Trad. nossa de “Ich weiß zwar auch daß die Poesie eine solch ausgebildete Sprache nicht nöthig hat um sich auszusprechen, ich glaube aber auch daß sie es kann ja weil sie ursprünglich und in ihrer Idee nur eins ist (...). “ (Brüder Grimm : 2001, p. 112)

^{xxxiv} Trad. nossa de „(..) Hätten die Brüder Grimm angesichts der Internationalität der Gattung Märchen und in Kenntnis der Herkunft ihrer wichtigsten Beiträge auf das Wort <deutsch> zwar in Titel verzichtet, die Tendenz der Vorrede und die teilweise stark national bestimmte Rezeption zur

Zeit der Befreiungskriege bestimmen sie indes trotzdem zu diesen Streichungen einiger Stücke nicht deutschsprachiger Herkunft.“ (p. 604)

^{xxxv} Trad. nossa de „Man ist der Ansicht, daß Jacob sich nach der ersten Auflage von der Redaktion der Märchen nicht nur aus äußeren Gründen (Überlastung durch andere Arbeiten, besonders die Grammatik) zurückgezogen habe, sondern auch aus der resignierenden Einsicht, daß sich sein ideal treuer, unverfälschter Wiedergabe mündlicher Volksüberlieferung nicht verwirklichen lasse.“ (Ginschel, *ibid.*, p. 132)

^{xxxvi} Trad. nossa de “Ich habe jetzt angefangen Kindermärchen zu schreiben, und Ihr könnt mir eine große Liebe erweisen, wenn Ihr mir mitteilt, was Ihr derart besitzt; da ich sie ganz frei behandle, so entgeht Euch nichts dadurch, und Ihr kommt mir dadurch zu Hilfe. Sendet mir doch, was Ihr habt.“ (Brentano apud Lefftz, *op. cit.*, p. 16)

^{xxxvii} Trad. nossa de ““Lieber Clemens hierbei erhalten Sie versprochenermaßen alles, was wir von Volksmärchen gesammelt haben, zu beliebigen Gebrauch. Nachher senden Sie uns wohl gelegentlich die Papiere wieder.“ (Grimm apud Leffz, *op. cit.*, p. 17)

^{xxxviii} Trad. nossa de „Er [um certo Dr. Müller, docente de Matemática em Marburg] ward nur noch verlegener, bat auf einmal um Verzeihung und am andern Tag kam er zu mir dies alles zu wiederholen und seine Dienste anzubieten. Ich sagte ihm, wie daß ich die Frau nicht erhalten könne, er erbot sich sogleich zur Creuzerin zu gehen und brachte gestern das Resultat: Die alte Frau, ein [sic] Verwandtin ders. habe sich gewaigert, es mache ihr einen bösen und lächerlich Namen, wenn sie herumging und Märchen erzähle, und sie wolle nicht. Es wär alles aus gewesen, wenn der Müller nicht glücklicherweise der Schwager des Hospitalvorstehers wär. Er will nun diesen bitten, er möge die Frau seinen Kindern die Märchen erzählen lassen, und aufschreiben.“ (De Wilhelm Grimm a Jacob Grimm, Marburg, 14 set. 1810, in Brüder Grimm, 2001, p. 216)

^{xxxix} Trad. nossa de “Lieber Clemens ! Die Sendung der Märchen ist etwas durch meine Reise verzögert worden. Ich wollte mir in Marburg von der alten Frau alles erzählen lassen, was sie nur wüsste, aber ist mir schlecht ergangen. Das Orakel wollte nicht sprechen, weil die Schwestern im Hospital es übel auslegten, wenn es herumging und erzählte (...)“ (Wilhelm Grimm apud Leffz, *op. cit.*, p. 17-18)

^{xl} Trad. nossa de „Diese alles nun wünschen wir höchst getreu, buchstabentreu aufgezeichnet, mit allem dem sogenannten Unsinn, welcher leicht zu finden immer aber noch leichter zu lösen ist, als die künstlichste Wiederherstellung.“ (Grimm, Jacob in Rölleke, 1985, p. 65)

^{xli} Trad. nossa de “Achtung fehlte zu des eigenen Volks Alterthum, oder weil schon die Gegenwart alles Band der Vorwelt abgerissen hatte, das abgerissene nicht wiederum anknüpfen konnte.“ (*ibid.*, p. 63)

^{xlii} Trad. nossa de “Aus diesem Grund nun machen wir zum Gesetz oder Anliegen, daß die Aufzeichnung in Mundart, Redensweise und Wendung des Erzählenden geschehe, selbst wo solcher fehlerhaft und gegen die Regeln versündigend erschienen, welche zum großen Glück unseres freien Sprachstammes selber noch keinmal festgestanden haben.“ (*ibid.*, p. 66)

^{xliii} Trad. nossa de “So wie unsere Unternehmung durchaus kein sogenannt unterhaltendes Buch liefern soll, vielmehr ein gänzlich gelehrtes Buch ernstes Ziel vor Augen hat (...) so haben wir auch dabei auf irgend andern Vortheil nicht die mindeste Hinsicht. Wir wollen Materialien zusammentragen zu einer Geschichte deutscher Poesie, wie diese Poesie eine solche Geschichte verdient, die Ausarbeitung bleibt hernach andern Werk.“ (*ibid.*, p. 67)

^{xliv} Trad. nossa de “Liebe Bettine, dieses Buch kehrt abermals bei Ihnen ein, wie eine ausgeflogene Taube die Heimat wieder sucht und sich da friedlich sonnt. Vor fünfundzwanzig Jahren hat es Ihnen Arnim zuerst, grün eingebunden mit goldenem Schnitt, unter die Weihnachtsgeschenke gelegt. Uns freute, dass er so werthielt, und er konnte uns einen schönern Dank nicht sagen. Er war es, der uns, als er in jener Zeit einige Woche bei uns in Kassel zubrachte, zur Herausgabe angetrieben hatte.“ (Grimm, Wilhelm. „An die Frau Bettina von Arnim“, p. 11)

^{xliv} Trad. nossa de „Es sollte mich sehr wundern, wenn nicht ein Leipziger Speculant die unterhaltendsten Märchen herausnahm und mit Bildern begleitet nachdruckte.“ (Arnim apud Panzer, op. cit., p. 15)

^{xlvi} Trad. nossa de “Ein König u. eine Königin kriegten gar keine Kinder“ (Brüder Grimm, Urfassung, 1975, p. 106)

^{xlvii} Trad. nossa de “Ein König und eine Königin kriegten gar keine Kinder, und hätten so gern eins gehabt”

^{xlviiii} Trad. nossa de “Vorzeiten war ein König und eine Königin die sprachen jeden Tag: „Ach wenn wir doch ein Kind hätten !“, und kriegten immer keins.“

^{xlviix} Trad. nossa de “Überhaupt müssen die Hessen zu den Völkern unseres Vaterlandes gezählt werden (...)”, (Brüder Grimm, 1982, p. 20)

¹ In den letzten Jahren hat sich mehr und mehr die Erkenntnis durchgesetzt, daß die *Kinder- und Hausmärchen* keinesfalls purer Oralität ihre Existenz verdanken. Vielmehr mischen sich, häufig kaum noch säuberlich auseinanderzuhalten mündlich und schriftliche Traditionsströme zu einer Märchen-Form, die als literarische Kunstgestalt sui generis wahrzunehmen und zu würdigen den Abschied von allen populistischen Vorurteilen voraussetzt.“

^{li} Trad. nossa de “Nicht nur war damals die Überlieferung in sich noch vollständiger, sondern der Verfasser besaß auch neben der genauen Kenntnis der Mundart, eine eigene Geschicklichkeit im Auffassen derselben. Der Inhalt ist fast ohne Lücke, und der Ton, wenigstens für die Neapolitaner, vollkommen getroffen.“ (p. 303 3 V.).

^{lii} Trad. nossa de “Wir erhielten es schon im Jahr 1809 von Arnim freundschaftlich mitgeteilt“(p. 40, 3 V.)

^{liiii} Trad. nossa de “Sowohl in Rücksicht der Treue als der trefflichen Auffassung wüssten wir nicht kein bessere Beispiel zu nennen, als die von dem seligen Runge in der Einsiedlerzeitung gelieferte Erzählung vom Wacholderbaum (...).“ (Grimm, Jacob in Rölleke, 1985, p. 66)

^{liv} Trad. nossa de “Das Märchen von dem undankbaren Zwerg der Caroline Stahl, dessen Inhalt unten wird mitgeteilt, habe ich benutzt aber nach meiner Weiße erzählt.“ (Brüder Grimm, 1982, IIIv. V.III, p. 255.)

^{lv} Trad. nossa de “Bei der Beurteilung dieser Märchen sollte beachtet werden, daß die Geschichten der Aulnoy mit ihren höfischen und gelehrten Anspielungen sowie gelegentlichen Frivolitäten ursprünglich natürlich nicht für ein Publikum von Kindern gedacht waren, wenn sie auch das richtige Verhalten in einer galanten, von Intrigen erfüllten Welt lehren (...).“(Grätz, [s.d.], p. 20)

^{lvi} Trad. nossa de “Einer jener guten Zufällen aber war es, da wir aus dem bei Kassel gelegenen Dorfe Nederzwehren eine Bäuerin kennenlernten , die uns die meisten und schönsten Märchen des zweiten Bandes erzählte.“ (Brüder Grimm, 1982, 3v., V.I, p. 19)

^{lvii} Trad. nossa de “Sie bewahrte die alten Sagen fest im Gedächtnis (...). Dabei erzählte sie bedächtig , sicher und ungemein lebendig, mit eigenem Wohlgefallen daran, erst ganz frei, dann, wenn man es wollte noch einmal langsam, so daß man ihr mit einiger Übung nachschreiben konnte. Manches ist auf dieser Weise wörtlich beibehalten und wird in seiner Wahrheit nicht zu verkennen sein.“ (loc.cit.)

^{lviii} Trad. nossa de “Ähnlich den Hassenpflugschen Beiträgen war auch von einigen Texten der Viehmann direkten französischer Einfluß nicht zu verkennen, und das verwundert nicht, wenn man weiß, daß die Beiträgerin eine geborene Pierson war, von Hugenotten abstammte, gut Französisch sprach und von den Töchtern des französischer Stadtpredigers Ramus zu den Grimm geschickt

worden war. (...) Sie war Gattin des Dorfschneiders; insofern kann man sie schwerlich einschränkungslos eine ‚Bäuerin nennen‘, auch wenn sie Produkte ihres Gartens in Kassel verkaufte.“ (Rölleke, 1985, p. 83)

^{lix} Trad. nossa de „Es war einmal ein König u. eine Königin, die hatten zwölf Kinder zusammen, die waren alle Jungen. Und der König sprach, wenn das dreizehnte Kind ein Mädchen wäre, so wollte er alle seine 12 Söhne umbringen, wenn es aber wieder ein Sohn wäre, so sollten sie am Leben bleiben“ („Zwölf Brüder und das Schwesterchen“ in Brüder Grimm : 1975, p. 64)

^{lx} Trad. nossa de „(...) Und ging zu ihren 12 Söhnen und sprach zu ihnen: der König euer Vater hat gesagt, wenn ich ein Mädchen kriegte, so wollte er auch alle umbringen, wenn es aber noch ein Brüderchen wäre, so wollte er euch alle leben lassen. Und die Mutter rieth ihnen und sprach: herzliche Kinder geht in den Wald, und wenn es ein Söhnchen ist, so will ich oben auf dem Turm eine weiße Fahne aufstecken, ist es aber ein Töchterchen, eine rothe, so kann euch der Vater doch nicht tödten.“ (loc. cit.)

^{lxi} Trad. nossa de „Es war einmal ein König, der hatte zwölf Kinder, das waren lauter Buben, er wollte auch kein Mädchen haben und sagte zur Königin: ‚wenn das dreizehnte Kind, das du zur Welt bringst, ein Mädchen ist, so laß ich die zwölf andern tödten, ists aber auch ein Bube, dann sollen sie alle miteinander bleiben.‘“ (Die zwölf Brüder in Brüder Grimm, 1999, p. 76)

^{lxii} Trad. nossa das anotações marginais „größe Wässche. 12 Hemder. Die Wäscherin sagt drauf <die gehören> den Brüdern“ (Zwölf Brüder und das Schwesterchen in Brüder Grimm, 1975 : 64). Grifo dos autores.

^{lxiii} Trad. nossa de „Und das Schwesterlein war ganz allein zu Haus, u. eines Tags wurde ihm die Zeit gar zu lang, da ging es aus u. kam in den Wald“ (loc. cit.)

^{lxiv} Das Schwesterchen zu Haus aber ward groß und blieb das einzige Kind. Einmal hatte es große Wäsche, darunter waren auch zwölf Mannshemden. ‚Für wen sind denn diese Hemden‘, fragte die Prinzessin, ‚meinem Vater sind sie doch viel zu klein,‘, da erzählte ihr die Wäscherin, dass sie zwölf Brüder gehabt hätte (...)“ (Die zwölf Brüder in Brüder Grimm, 1999, p. 77)

^{lxv} Trad nossa de „Ein Mann hatte sieben Söhne und immer noch kein Töchterchen, so sehr er sich’s auch wünschte; endlich gab ihm seine Frau wieder gute Hoffnung zu einem Kinde, und wie’s zur Welt kam, war’s auch ein Mädchen.“ („Die sieben Raben, in Brüder Grimm, 1982, p. 154)

^{lxvi} Trad. nossa de „Aus Maingegenden, doch ist der Eingang bis da, wo das Schwesterchen in die Welt zieht, aus einer Wiener Erzählung zugefügt: jene enthält nur kurz daß die drei Söhnlein (siebene sind es nach dieser) Sonntags während der Kirche Karten spielten und deshalb von ihrer Mutter verwünscht wurden (...).“ (Brüder Grimm, 1982, III V., p. 56)

^{lxvii} Trad. Nossa de „Es war einmal eine Mutter, die hatte drei Söhnlein, die spielten eines Sonntags unter der Kirche Karten. Und als die Predigt vorbei war, kam die Mutter nach Hause gegangen und sah, was sie gethan hatten. Da fluchte sie ihren gottlosen Kindern und alsobald wurden sie drei kohlschwarze Raben und flogen auf und davon.“ („Die sieben Raben“, in Brüder Grimm, 1999, p. 124)

^{lxviii} Trad. Nossa de „Es war einmal eine Mutter, die hatte 3 Söhnlein, die spielten während der Kirche Karten. Und als die Predigt vorbei war, schalt die Mutter ihre Gottlosigkeit u. fluchte ihnen. Da wurden sie drei schwarze Raben u. flogen weg. „ (Brüder Grimm, 1975, p. 40)

^{lxix} Trad nossa de „ ‚Ich wollte, daß die Jungen alle zu Raben würden.“ Kaum war das Wort ausgeredet, so hörte er ein Geschwirr über seinem Haupt in der Luft, blickte in die Höhe und sah sieben kohlschwarze Raben auf und davon fliegen.“ (Brüder Grimm, 1982, IV., p. 154)

^{lxx} Aus Hessen. Es hängt mit dem Märchen von den sieben Raben (nr. 25) zusammen, und sind es hier weiße Schwäne, weil die Kinder ohne Schuld verwünscht wurden.“ (Brüder Grimm, 1982, III V., p. 81)

^{lxxi} Trad. nossa de “Ein König jagte in einem großen Wald, verirrte sich und konnte keinen Ausgang finden, da kam er endlich zu einer Hexe, die bat er, sie möge ihn wieder herausleiten. Die Hexe aber antwortete, das geschehe nimmermehr er müsse darin bleiben und sein Leben verlieren, und nur eine könne ihn erretten, daß er ihre Tochter heirathe.

^{lxxii} Trad. nossa de „Es jagte einmal ein König in einem großen Wald und jagte einem Wild so eifrig nach, daß ihm niemand von seinem Leuten folgte konnte. Als der Abend herankam, hielt er still und blickte um sich nach, da sah er, daß er sich verirrt hatte. Er suchte einen Ausgang, konnte aber keinen finden. Da sah er eine alte Frau mit wackelndem Kopfe, die auf ihn zukam; das war aber eine Hexe. „Liebe Frau’, sprach er zu ihr, „könnt Ihr mir nicht den Weg durch den Wald zeigen?“ „O, ja, Herr König“, antwortete sie, „das kann ich wohl, aber ist eine Bedingung dabei, wenn Ihr die nicht erfüllt, so kommt Ihr nimmermehr aus dem Wald und müßt darin Hungers sterben.“ (Brüder Grimm, 1982, I V., p. 251)

^{lxxiii} Trad. nossa de “Es hatte nicht Ruhe und Rast, bis es sich heimlich aufmachte und in die weite Welt ging, seine Brüder irgendwo aufzuspüren und zu befreien, es möchte kosten, was es wollte. Es nahm nichts mit sich als ein Ringlein von seinen Eltern zum Andenken, einen Laib Brot für den Hunger, ein Krüglein Wasser für den Durst und ein Stühlchen für die Müdigkeit” (“Die sieben Raben”, in Brüder Grimm, 1982, IV., p. 155)

^{lxxiv} Trad. nossa de “Das Schwesterchen weinte und sagte, : “Könnt ihr nicht erlöst werden?” “Ach, nein”, antworteten sie, “die Bedingungen sind zu schwer. Du darfs sechs Jahre lang nicht sprechen und nicht lachen und mußt in der Zeit sechs Hemdchen für uns aus Sternblumen zusammennähen. Kommt ein einziges Wort aus deinem Munde, so ist alle Arbeit verloren.“ Und als die Brüder das gesprochen hatten, war die Viertelstunde herum, und sie flogen als Schwäne wieder zum Fenster hinauf.“ („Die sechs Schwäne“ in Brüder Grimm, 1982, I V., p. 254)

^{lxxv} Trad. Nossa de „Das Mädchen aber faßte den festen Entschluß, seine Brüder zu erlösen, und wenn es auch sein Leben kostete. Es verließ die Wildhütte, ging mitten in den Wald und setzte sich auf einen Baum und brachte da die Nacht zu. Am andern Morgen ging es aus, sammelte Sternblumen und fing an zu nähen. Reden konnte es mit niemand, und zum Lachen hatte es keine Lust, es saß da und sah nur seine Arbeit.“ („Die sechs Schwäne”, in Brüder Grimm, 1982, I V., p. 254)

^{lxxvi} Trad. nossa de “ Das Mädchen sprach weinend: “Ist denn kein Mittel, sie zu erlösen ?” “Nein”, sagte die Alte, “Es ist keins auf der ganzen Welt als eins, das ist aber so schwer, daß du damit nicht befreien wirst, denn du mußt sieben Jahre stumm sein, darfst nicht sprechen und nicht lachen, und sprichst du ein einziges Wort, und es fehlt nur eine Stunde an den sieben Jahren, so ist alles umsonst, und deine Brüder werden von dem einen Wort getötet.” (“Die zwölf Brüder” in Brüder Grimm, 1982, I V., p. 75)

^{lxxvii} Trad. Nossa de “Der König fragte: “Wer bist du? Was machst du auf dem Baum?” Aber es antwortete nicht. Er fragte es in allen Sprachen, die er wußte, aber es blieb stumm wie ein Fisch.” (“Die sechs Schwäne”, in Brüder Grimm, 1982, IV., p. 255)

^{lxxviii} Trad. nossa de “Der König aber hatte eine böse Mutter, die war unzufrieden mit dieser Heirat und sprach schlecht von der jungen Königin. <<Wer weiß, wo die Dirne her ist>>, sagte sie, <<die nicht reden kann; sie ist eines Königs nicht würdig>> (Brüder Grimm : 1982, V. I, p. 255)

^{lxxix} Trad. nossa de “Es ist ein gemeines Bettelmädchen, das du dir mitgebracht hast. Wer weiß was für gottlose Streiche sie heimlich treibt. Wenn sie stumm ist und nicht sprechen kann, so könnte sie doch einmal lachen, aber wer nicht lacht, der hat ein böses Gewissen.“ (“Os doze irmãos”, ibid, p. 76)

^{lxxx} Trad. nossa de “ “ (...) Es ist ein gemeines Bettelmädchen, das du aus der Fremde mitgebracht hast. (...)“(Brüder Grimm in “Os doze irmãos”, 1999, p. 78)

^{lxxxi} Trad. nossa de “Als aber das drittemal die Alte das neugeborene Kind raubte und die Königin anklagte, die kein Wort zu ihrer Verteidigung vorbrachte, so konnte der König nicht anders, er

musste sie dem Gericht übergeben, und das verurteilte sie, den Tod durchs Feuer zu erleiden.“ (“Os seis cisnes” in Brüder Grimm, 1982, p. 256)

^{lxxxii} Trad. nossa de “Die Schwäne rauschten zu ihr her und senkten sich herab, so dass sie ihnen die Hemden überwerfen konnte; und wie sie davon berührt wurden, fielen die Schwänenhäute ab, und ihre Brüder standen leibhaftig vor ihr und waren frisch und schön; nur dem jüngsten fehlte der linke Arm, und er hatte dafür einen Schwänenflügel am Rucke.“ (Loc.cit.)

^{lxxxiii} Trad. nossa de “Als es die zwölf Thüren aufgeschlossen hatte, war die verbotene noch übrig; lange widerstand es seine Neugier, endlich aber ward es davon überwältigt und öffnete auch die dreizehnte.“ (Brüder Grimm, 1999, p. 68)

^{lxxxiv} Trad. nossa de “Nun war die verbotene Tür allein noch übrig,, da empfand es eine große Lust zu wissen, was dahinter verborgen wäre, und sprach zu den Englein; << Ganz aufmachen will ich sie nicht und will auch nicht hineingehen, aber ich will sie aufschließen, damit wir ein wenig durch den Ritz sehen. << Ach nein>>, sagten die Englein, <<das wäre verboten, und könnte leicht dein Unglück werden.>> Da schwieg es still, aber die Begierde in seinem Herzen schwieg nicht still, sondern nagte und pickte ordentlich daran und ließ ihm keine Ruhe.” (Brüder Grimm, 1982, IIIv. V. I, p. 37)

^{lxxxv} Trad nossa de “Da sah sie den goldenen Finger, womit es das himmlische Feuer angerührt hatte, und wußte nun gewißt, daß sie schuldig war (...)” (Brüder Grimm, 1999, p. 68)

^{lxxxvi} Trad. nossa de “Als bald empfand es eine gewaltige Angst, schlug die Türe heftig zu und lief es fort. Die Angst wollte auch nicht wieder weichen, es mochte anfangen, was es wollte, und das Herz klopfte in einem fort und wollte nicht ruhig werden: auch das Gold blieb an dem Finger und ging nicht ab, es mochte waschen und reiben, soviel es wollte.” (Brüder Grimm, V. I, 1982, p. 37)